

Dois dias depois da estréia, Airton Rodrigues comentava o lançamento do novo programa e a encenação de O Julgamento de João Ninguém. (13) Apesar de seu tom ufanista, evidenciava-se uma crítica mais elaborada, embora ainda superficial. Contudo, nesse comentário que transcrevemos a seguir traziam-se a público informações preciosas sobre a realização da peça, tais como a utilização de cenas filmadas no desenrolar da história. Este recurso viria a ser utilizado com bastante freqüência nas transmissões teleteatrais, até mesmo depois do advento do video tape:

"A PRF-3 TV lançou, no domingo último, à noite, o seu Teatro de Vanguarda, uma idéia acalentada com carinho pelos dirigentes da televisão do Sumaré. Trata-se de uma iniciativa que deverá revelar numerosos talentos para a arte cênica dentre os próprios elementos que figuram no cast fixo das Emissoras Associadas, um elenco, aliás, de primeira linha e de grandes possibilidades para o desenvolvimento das apresentações pelo vídeo. A peça inaugural foi O Julgamento de João Ninguém, um conto de V. Sarr, que saiu publicado, se não nos enganamos, na revista Mistério Magazine. Dionísio Azevedo foi o responsável pela adaptação para o vídeo, um trabalho que mereceu elogios. Lima Duarte esteve impecável no papel título. E o próprio Dionísio Azevedo, valendo-se da sua máscara cem por cento cinematográfica e das suas experiências no teatro, saiu-se a contento na interpretação do difícil papel do reverendo Millard. No restante do imenso cast, merecem citações especiais as atuações de David Neto e de sua esposa, Maria Cecília, elementos que, vindos do teatro, firmam-se dia a dia, na televisão. Na peça, tivemos ainda algumas cenas filmadas a cargo do cinegrafista Paulo Salomão. Bons os cenários de Carlos Giacchieri, e a direção de TV evidenciando a classe de Cassiano Gabus Mendes, que esteve feliz na direção de câmeras e nos cortes. Segundo estamos informados, o Teatro de Vanguarda irá aos receptores de quinze em quinze dias, nessa sua fase inicial."

(13) Diário da Noite, São Paulo, 19 de agosto de 1952.

(14) Essa adaptação radiofônica foi levada ao ar no dia 27 de outubro de 1951.

Desde o início, ficou estipulado que as apresentações do novo programa seriam quinzenais. Assim, duas semanas após a transmissão de O Julgamento de João Ninguém, o Teatro de Vanguarda trazia aos telespectadores A Vida por um Fio, cujo texto já havia servido de base para o primeiro teleteatro encenado oficialmente pela TV Tupi em 29 de novembro de 1950. A nova encenação da peça de Lucille Fletcher ocorreu em 31 de agosto de 1952, tendo uma vez mais como intérprete central a atriz Lia de Aguiar.

A produção do terceiro espetáculo coube a Walter George Durst; este, que não manifestara interesse em realizar o programa de estréia nem o seguinte, terminou por aceitar a incumbência e escolheu um conto de Ben Hecht Crime sem Paixão para adaptar. Essa escolha não era aleatória. A história já fora adaptada pelo próprio Durst e transmitida com sucesso através da Rádio Difusora no Cinema em Casa. (14) Na ocasião, além do texto original de Ben Hecht, servira também para a adaptação radiofônica o script da versão cinematográfica da história. Assim, apesar de sua experiência de televisão, Durst, para enfrentar a responsabilidade de uma encenação mais arrojada, valeu-se não apenas de um texto já bem sucedido no rádio, mas sobretudo de um script cinematográfico. Uma vez mais o cinema servia como modelo de imagem.

Sob o patrocínio da Cia. Antarctica Paulista, Crime sem Paixão, terceiro espetáculo do programa, foi encenado em 14 de setembro de 1952. Do elenco participavam Dionísio Azevedo e Maria Cecília.

Dois dias depois, um jornal paulista publicava uma crítica elogiosa ao espetáculo, talvez uma das melhores até então escritas a respeito de um programa de televisão. E, fato importante, o texto que transcrevemos a seguir questionava o nome do programa:

"Rádio e Televisão  
(Crime sem Paixão)

O Teatro de Vanguarda continua a apresentar pela Televisão Tupi espetáculos que, sem favor algum, têm sido os mais interessantes até hoje vistos, no gênero entre nós. Sempre procurando fugir à vulgaridade, esse conjunto voltou a atuar, anteontem, perante as câmeras do Canal 3, encenando Crime sem Paixão, original do escritor norte-americano Ben Hecht, numa adaptação de Walter George Durst. Dionísio Azevedo e Maria Cecília encarregaram-se dos principais papéis, sob a direção de Cassiano Gabus Mendes, assistido por Jorge Ribeiro e Luiz Galon. Indiscutivelmente, a televisão já dispõe, hoje em dia, de técnica própria, que não é radiofônica, nem cinematográfica ou teatral. Sendo antes, uma fusão das três, tem limites e possibilidades que lhe proporcionam um estilo peculiar, inconfundível. Um bom espetáculo de televisão necessita, antes de tudo, de um tema apropriado. Peças que nos palcos constituem autênticos êxitos, quando, fotografadas, num estúdio de televisão se tornam insuportáveis. Daí o malogro de tantos programas que, embora caprichosamente montados, em nada correspondem às exigências do vídeo.

O último espetáculo do Teatro de Vanguarda (Por que teatro?) contou, logo de início, com essa vantagem: um tema adequado. Além disso, o autor do roteiro foi muito feliz na adaptação, criando desde a primeira cena (a estatueta e o chapéu sobre o armário, ouvindo-se, ao fundo a voz, de Maria Cecília e o tic-tac do relógio) uma atmosfera dramática. A direção soube, por sua vez, valorizar a história, criando momentos magníficos como, por exemplo, os em que, fitando-se nos espelhos, 'Lou Hendrix' revela, através dos monólogos gravados, os pormenores do seu terrível plano. Os recursos utilizados para pôr em evidência as várias fases do estado de alma do angustiado criminalista honrariam qualquer bom diretor de cinema, revelando muita imaginação e